



cinema

semanario cinematográfico

Ano 1.º
N.º 38

Preço
1\$00

A
Companhia Cinematográfica
de Portugal

apresenta hoje no cinema "Rivoli"
a super-produção da "AAFA"

A mulher de quem se fala

realização de VIKTOR JANSON
e interpretação de MADY CHRISTIANS
e HANS STUEWE

BREVEMENTE

estreia no mesmo cinema do super-filme

A Favorita do Imperador

com LIL DAGOVER e OTTO GEBUEHR

Façam as suas marcações na

Companhia Cinematográfica de Portugal

A marca dos grandes exitos



Warner Baxter, no papel dum médico famoso, dá a preferencia a uma das suas clientes, em prejuizo da sua esposa, a encantadora Joan Bennett. Esta é uma cena do magnifico fonofilme "Esposas de Médicos", que a "Fox" produziu, e que lá fora tem obtido recentemente um grande exito. Warner Baxter, que está a tornar-se um dos favoritos do publico, e a linda Joan Bennett, uma das mais interessantes e talentosas actrizes americanas, teem nesta fita magnificos papeis que vão firmar definitivamente os seus nomes no espirito do nosso publico. "Esposas de Médicos" é uma fita para todo o espectador em geral, mas visa a classe médica em particular...

O Cantinho dum Cinéfilo

Estes concursos ou inquéritos tendentes a seleccionar os melhores filmes ou os melhores trabalhos cinematográficos de cada ano, como os que organizam várias publicações e a Academia Americana, teem, no fundo, bastante de proveitoso para o progresso da Cinematografia.

Desde o nosso modesto inquérito de há pouco, para a selecção dos dez melhores filmes do ano, na opinião dos jornalistas cinematográficos portugueses, até à grande reunião anual da Academia Americana das Artes e Ciências Cinematográficas, todos servem de estímulo, abrem o apetite ao estudo, sulcam o caminho do aperfeiçoamento, muito embora nem todos com a mesma eficácia, ou, pelo menos, nem todos com a mesma finalidade.

Na alemanha e, principalmente, na América, é onde mais acentuadamente se verificam tais inquéritos. «Film-Kurier» realiza todos os anos um «referendum» junto dos exhibidores alemães. Objectivo puramente comercial, não deve ter grande influência na melhoria da essência artistica da produção, muito embora interessante para a orientação das bilheteiras. Mais benéfico, sem dúvida, é o inquérito anual de «Der Deutsche», que se dirige a várias entidades de todo o mundo — realizadores, produtores, intérpretes, jornalistas (acabo de receber o boletim de voto para 1932), etc. Parece-me apenas prejudicado o inquérito de «Der Deutsche» pelo facto de não se dirigir somente a entidades relacionadas com a Cinematografia. Pede também o voto às diversas individualidades em destaque — e não me parece que os votos do Principe de Gales, de Mussoline ou do Presidente do México tenham grande influência sobre a produção mundial...



Na América, o inquérito que a «Photoplay» faz junto dos seus leitores, é, também, de resultados quasi exclusivamente comerciais, e, sobretudo, é prejudicado por ser organizado pouco depois dos resultados da Academia Americana, de modo que, nos últimos anos, sempre o filme preferido dos leitores daquela revista é o que a Academia elegeu como o melhor. Questão de influência, talvez mais do que propriamente uniformidade de opiniões diante da excelência do filme vitorioso...

As preferências dos jornalistas americanos, consultados anualmente pelo «Film Daily» sobre os dez melhores

filmes do ano (modalidade em que se inspirou o inquérito de «Cinema») são, fóra de dúvida, dos mais salientes resultados. Trata-se da opinião pessoal de mais de 300 jornalistas redactores da critica cinematográfica nos principais diários e revistas de toda a América, entre os quais figuram os nomes dos mais cotados criticos americanos, como Maurice Kann, do «Motion Picture Daily», Irene Thirer, do «Daily News», Rose Pelwick, do «Evening Journal», Welford Beaton, do «Film Spectator», etc., etc.

Porém, por sobre tudo e todos, a reunião anual dos membros da Academia Americana das Artes e Ciências Cinematográficas e as eleições a que procedem por votação dos seus numerosos membros, é o mais importante dos acontecimentos do género, o mais importante e o de resultados mais estimulantes, de tal modo que hoje, qualquer actor ou actriz, qualquer realizador, qualquer fotógrafo, qualquer decorador ou qualquer inovador alimenta o intimo desejo de ser, no fim do ano, premiado com a estatueta de ouro com que a Academia galardoa o melhor trabalho de cada uma das modalidades cooperadoras da produção.



Noutro lugar deste número, em carta do nosso correspondente em Nova-York, damos com todos os pormenores o resultado da última reunião da Academia Americana, realizada em 18 de Novembro findo, para a eleição dos premiados de 1932.

Quem tem acompanhado os resultados da Academia nos últimos anos, deve ter achado curioso — curioso e notável — o esforço da «Metro-Goldwyn-Mayer».

Vencedora em 1929 dos prémios concedidos à melhor produção («Broadway Melody»), à melhor fotografia (Clyde De Vinna em «Sombras Brancas») e à melhor decoração (Cedric Gibbons em «A Ponte de S. Luiz Rey»); premiada em 1930 pela melhor interpretação feminina (Norma Shearer em «A Divorciada»), pelo melhor argumento (Frances Marion em «O Presidio»), e pela melhor tomada de sons (Douglas Shearer em «O Presidio»); tendo alcançado em 1931 os dois prémios da melhor interpretação (Marie Dressler em «Min and Bill» e Lionel Barrymore em «Uma Alma Livre»), a «M-G-M» vê, nas eliminatórias de 1932, que esco-

(Continua na página 6).

A Magica personalidade = das estrelas do cinema =



Nós gostamos muito da Brigitte Helm. Mas há-de ser em papeis de mulher sedutora, autentica vamp, como os que ela criou em "Metropolis" ou "Crise". Em "Mandragora", filha duma cortezá e dum enforcado, mulher exótica criada pela Ciência, Brigitte Helm dá-nos, depois da inesquecível "Maria", de "Metropolis", a sua melhor interpretação.

A personalidade impõe-se de um modo absoluto em Hollywood. O mundo interessa-se mais pelas «pessoas» do que pelas ideias e as coisas. E por esta razão me decidi a procurar as grandes personalidades do «écran» para fazer este artigo.

Personalidade! Que misterioso dom será esse que dimana das figuras que se agitam no «écran» luminoso e que se apropria por completo de nós, que parece alterar a nossa serenidade e nos faz desejar que com frequência se projectem filmes de Esta ou de Aquele?

Personalidade! De onde sai? Como se adquire? Quem a descobriu? Suponho que não foi inventada nos estúdios.

Há três coisas primordiais, ou melhor, três pontos capitais que nos servem de base: carácter, que é o nosso «bom e mau»; individualidade, um não sei quê estranho que nos faz dizer «sou eu»; e personalidade, esse fluido maravilhoso que brilha, que é intangível e indefinível.

Voltando as páginas da história, vemos que em nenhuma época a Personalidade teve tam suprema importância como nos nossos dias, como na actualidade. E porquê?

Porque é a única coisa que nos deixaram para conseguirmos o impossível. Todos os caminhos foram aplanados; todos os grandes sonhos se tornaram factos; os mares foram sulcados pelos transatlânticos e o espaço foi vencido pela aviação.

Mas a alma continua desejando aperfeiçoar-se e goza quando conseguir converter a raça humana em assombrosas personalidades. A raça humana quer ser fascinante e consegue-o em muitas ocasiões. Porque desde os dias de glória de Norma Talmadge e de Pearl White aos de Norma Shearer e de Greta Garbo temos tido ocasião de contemplar muitas mulheres fascinantes no «écran».

A personalidade cinematográfica tem o poder de fazer sonhar as pessoas que já passaram da juventude, obriga-as a reagir porque tem um poder mágico de tam forte influência, que poucos são aqueles que sentem indiferença ao contemplá-la reflectida no «écran». Porque é inegável que personalidades tam destacadas do cinema como são Helen Hayes, Myrna Loy, Lupe Velez, Joan Benett, Norma Shearer, Janet Gaynor, Joan Crawford, Greta Garbo e Dolores del Rio, tem um estranho poder misterioso que antigamente chamavamos «os divinos direitos dos reis».

A cinematografia legitimou este dom até ao último grau e marcou um certo número de seres com a sua garra mágica. Nascer num bérço de rendas

já não tem influência alguma, mas nascer humildemente e adquirir uma personalidade marcante, dentro ou fora do cinema — é ter encontrado o que quasi todos os seres humanos desejam: a «fama e o dinheiro», e também a «inveja e a admiração».

No «écran», a personalidade é motivo de cada episódio dramático; não da acção em si mesma, mas do vibrante, atraente e mágico «domínio sobre nós» da mulher ou do homem que admiramos. Ela ou Ele apropriam-se completamente de nós e fazem-nos esquecer em absoluto a existência do argumento, ou dos demais personagens que contribuem para a filmagem do mesmo.

Quem de entre nós não caiu sob o mágico poder de Greta Garbo? Suponho que ninguém. Todos nos temos sentido hipnotizados, horas e horas, durante a projecção dos seus filmes, como se fôssemos ratos num teatro de gatos. E porquê? Por causa da sua grande, da sua inconfundível, da sua estranha personalidade.

Todos nós estamos familiarizados com as personalidades «ajudadas pela publicidade» de George Bernard Shaw, do príncipe de Gales, de Lady Astor. Mas outros, como Lindbergh, tem tido a sorte de nascer sem ela e de a adquirirem depois.

Muitas pessoas nascem com personalidade, outras «fabricam-na» e outras tem a sorte «de lha emprestarem». Mas a verdadeira Pátria da Personalidade é Hollywood. As raparigas da Meca do cinema têm sabido adaptar-se a todas as dificuldades, a todos os contratempos, a todos os sacrificios, estudos e demais obstáculos que lhes tem saído ao encontro, para conseguirem apenas uma coisa. Serem fascinantes, serem arrebatadoras, que é, no final de contas, o ramalhete da personalidade.

O facto de Diogenes procurar o homem honrado, já passou à história. Na época que passa estranhámos que não tenha procurado antes um homem encantador. Muitos homens honrados tem passado despercebidos pelo mundo, mas nenhum homem com personalidade morreu abandonado.

Em todos os domínios da arte, o artista criador tem o seu reino à parte — Victor Hugo, o rei da palavra; Rembrandt, cujas telas valiam fortunas; Wagner, que conseguiu combinar sons com a mestria de um deus. Cada um na sua arte tem um lugar predominante. Todos eles foram superpersonalidades que viveram para assombro das restantes mortais e para admiração das gerações.

Coisa muito parecida sucede com as

artistas cinematográficas. No cinema, temos ocasião de admirar as extraordinárias transformações que sofrem os nossos favoritos com o decorrer do tempo. Um dia fazem-nos chorar com um sentimento do qual nos sentíamos incapazes, e no dia seguinte obrigam-nos a rir como crianças. É o triunfo da personalidade.

Graças ao cinema, os príncipes e as princesas de que temos ouvido falar e que já há tempos não existem, voltam a tomar vida, ressuscitam e movem-se ante os nossos olhos admirados. Esses seres já mortos animam-se, graças ao talento de criaturas estudiosas e ousadas.

Em compensação, o teatro tem perdido as suas personalidades. Onde estão as encantadoras heroínas como Lillian Russel, Anna Held, Maude Hams? Deixaram de existir, e com elas desapareceram também os galãs que lhes levavam flores aos camarins e que frequentemente davam lugar a suculentas histórias, dignas de figurar na primeira página de qualquer jornal ou de qualquer revista moderna.

O cinema roubou ao teatro os encantos que em tempos éle possuía exclusivamente.

As personalidades cinematográficas são muitas e bem definidas. Temos, por exemplo, Greta Garbo, a mulher tigre. Greta, com as suas sobrancelhas «estilo diabo» não é bela, no sentido corrente da palavra, mas não poderíamos passar a seu lado sem voltar o rosto para a contemplarmos de novo. Há qualquer coisa de tam felino nela, que geralmente capta a antipatia das mulheres e o desejo e a admiração dos homens. E não obstante, analisada por um perito na matéria, Greta é uma mulher muito diferente da que contemplamos no «écran». E como consegue transformar-se? — perguntamos. Muito simplesmente, porque tem personalidade.

Myrna Loy é outra beleza exótica que pode vestir toda a espécie de indumentária sem se tornar objecto de chacota ou de riso. Bem fixada também não é bela, e não obstante cativa-nos com o poder penetrante dos seus olhos verdes e com o seu corpo de serpente.

Joan Crawford é o exemplo perfeito da mulher que adquiriu personalidade à força de estudo. Quando chegou a Hollywood era simplesmente uma corista bonita, mas com alguns quilos mais. Com os anos, soube polir-se, e embora não seja hoje tam linda como era então, é, não obstante, arrebatadora. A boca de Joan é grande, sem atractivos, e, apesar disso, ela sabe maquilhá-la de forma a dar-lhe uma expressão dolorosa, que nos convence da existência de uma tragédia oculta. A que se deve isto? A maneira como Joan usa o desenho das sobrancelhas, e também ao hábito que adquiriu de trazer sempre, quando trabalha, os olhos o mais possível abertos, como se estivesse assombrada. Isto, em outra

mulher, provocaria o riso, resultaria anti-natural. Mas em Joan parece-nos absolutamente normal, porque a mulher esbelta, de rosto trágico, cativa-nos muito mais do que a rapariguinha gordinha, bonita, mas vulgar de hontem.

A senhora Irving Thalberg, ou seja Norma Shearer, é o mais perfeito exemplo de fascinação e personalidade que nos tem apresentado Hollywood, até à data, no campo feminino. A insignificante extra de outros tempos não só soube cativar um dos homens mais poderosos da cinematografia, como conseguiu combinar uma carreira com um lar e uma abundante vida de sociedade e de recreio. Prestes a sêr mãe pela segunda vez, Norma acaba de dar-nos duas obras-primas de interpretação: «Strange Interlude», que tem batido todos os records de bilheteira até à data estabelecidos, e «Smiling Through», que está fazendo forte competência à primeira. Não obstante, se nos recordássemos de Norma ao chegar a Hollywood, ficaríamos assombrados da colossal transformação que nela se operou. Graças a hábeis maquilhagens e massagens estéticas, não só con-

seguiu dar mais atractivos ao seu rosto como obteve maior elegância de formas. E graças a estudos sem fim, converteu-se numa mulher de sociedade, cheia de cultura e de refinamento. Os seus trajos e as suas joias nada tem que invejar aos das pessoas de melhor gosto, e a sua conversação causa a admiração de muita gente. Norma soube cultivar uma personalidade atraente e poliu-se a ponto de não ser hoje dispensada a sua presença nas mais aristocráticas reuniões de Hollywood. Quando viaja pela Europa, com seu marido, não há titular que a não convide para a sua casa, nem mulher célebre que não a ache surpreendente.

Embora todos os exemplos não sejam tam flagrantes como este, Hollywood é, sem dúvida, o reino da personalidade.

BENJAMIN DE CÁSSERES.

(Tradução e adaptação de

XAVIER D'ATÃES).



«Chico!... Diana!... O Ceu!...» Perdão! Julgávamos que era uma cena de «A Hora Suprema», e, afinal, é de «Deliciosa», um lindo filme que a «Fox» nos vai dar, com Janet Gaynor, Charles Farrell, El Brendel e Raoul Roulien. Vocês vão gostar imenso de «Deliciosa»! Pois se «deliciosa» é a Janet!...

Correspondência

ALBERTO BARRADAS — Mais selos para o director, em nome de quem lhe agradeço. Ele anda radiante. Vou ter aumento de ordenado, lá para o Natal, com certeza!...

Vejo que já se exibiu aí em Luanda a fita «A Marselhesa» e que lhe agradeceu muito o trabalho de Laurinha. O meu amigo, o que você foi fazer. Aquela pessoa que você sabe, que era o mais laurinhófilo dos laurinhófilos, já estava esquecido dela, e você vai agora ressuscitá-la! Ou me engano muito, ou não tardará muito a publicação em «Cinema» de algum retrato da *extinta* Laura La Plante. E' cá um palpite!

Então o meu amigo não conhecia os desenhos animados do tempo do silencioso? Foi agora o sonoro que lhes revelou? Chegou um bocadinho tarde. São vários os cultivadores do desenho animado: Walt Disney, Max Fleischer, Ub Iwerks, etc.

Para John Boles, que tanto entusiasmou a sua camarada cinefila na interpretação de «Rio Rita», escreva: Fox Studios, 1401, N. Western Avenue, Hollywood, Calif. (U. S. A.)

E parabens por já haver cinema sonoro em Luanda! *Ils y viennent tous...*

BARÃO DA CAROEIRA — Tete — Ó meu caro Barão, muito e muito obrigadinho pelos selos de Moçambique que se lembrou de enviar para o director! Agora é que o aumento de ordenado é certo! Não é o futuro de Portugal, é o meu, o meu futuro que está nas Colónias! Leitores de Macau, leitores de Timôr, ponham aqui os seus olhos!...

O cheque que enviou para a sua assinatura foi entregue à Administração, que providenciará.

Quanto a manter correspondência com leitoras cinéfilas de 15 a 19 anos, isso é que já não me agrada muito... Então se tiverem 20 anos já não servem? Ora o grande maroto!...

Não, meu caro, tenha paciência! Mas eu tenho o exclusivo da correspondência das leitoras...

Faça perguntas cá para a secção, que eu procurarei responder-lhe o melhor possível. E, se continuar a ser amigo, logo que haja mais selos... Sem pretender abusar, é claro...

LUCIFER, O DESPORTISTA: — Tomei boa nota das suas considerações. Vou dar-lhe as direcções das casas alemãs por que pergunta, mas devo preveni-lo duma coisa: não escreva para lá a pedir retratos, dizendo que é para qualquer revista de cinema que nunca ninguém viu ou para qualquer clube cinéfilo mais invisível ainda. Devo preveni-lo de que, qualquer dia, por reclamação das casas americanas que teem sido vigarizadas, vão parar á cadeia os directores das «Europa-Film», «Agremiação dos Cinéfilos Algarvios», «Revista Sousa», «Film X», «Russo-Filme», etc., etc...

Ai vão as direcções: «Aafa», Berlim S. W. 68, Friedrichstrasse, 223; «Ufa», Berlim S. W. 19, Krausenstrasse 38/39; «Projectograph», Berlim S. W. 68, Friedrichstrasse 237; «Nero», Berlim W. 8, Unter den Linden 21.

E cuidadinho, meu caro, que isso de pedir fotos às casas, para revistas ou entidades que não existem é mais sério do que o meu amigo supõe...

TRÊS AMIGUINHAS DE «EU SEI

TUDO»: — Sejam muito bem vindas! Só tenho pena de não poder fazer-lhes uma recepção como a que fizeram á Lilian Harvey quando chegou a Hollywood, em «Um Sonho Dourado»! E vamos às respostas: 1.^a — Marlene Dietrich não está filmando, presentemente. Estão a ser preparados os elementos de produção na nova fita, que decorrerá, se não me informam mal, nos Mares do Sul. Ainda não está escolhido o titulo nem o *cast*. 2.^a — Jeanette MacDonald está noiva, dizem que do seu *manager*, mas, por enquanto, ainda está solteira. 3.^a — Já muitos anos antes de Jesus Cristo diziam os boateiros cinematográficos que a Lilian ia casar com o Willy Fritsch. Mas, até agora, não teem passado de amigos muito dedicados...

E até á próxima, queridinhas!

EU SEI TUDO.

Marlene e Von Sternberg vão sair da «Paramount»?

Pouco tem transpirado em Hollywood sobre os contratos de Marlene Dietrich e Josef von Sternberg com a «Paramount». Apenas se sabe que Marlene está terminando «Hurricane», sob a direcção de Von Sternberg, que o contrato deste expira em fins do corrente mês de Dezembro, e que Marlene Dietrich, cujo contrato termina em Fevereiro, vai começar uma nova fita (provavelmente «The Song of Songs»), sob a direcção de Rouben Mamoulian.

Isto faz supôr que o contrato de Von Sternberg com a «Paramount» não será renovado, o mesmo vindo a suceder ao de Marlene Dietrich, em Fevereiro.

Dando certa confirmação a estes boatos, corre que Jesse L. Lasky, ex-vice-presidente da «Paramount», e actualmente produzindo de sua conta para a «Fox», pensa chamar Marlene e Von Sternberg para a sua companhia

O Cantinho dum Cinéfilo

(Continuação da página 3)

lhem os três prováveis de cada grupo (*), que os candidatos á melhor interpretação feminina são todos três actrizes da sua marca (Marie Dressler em «Os Meus Meninos», Lynn Fontanne em «The Guardsman» e Helen Hayes em «O Pecado de Madelon Claudet»), que dos três seleccionados para a melhor interpretação masculina dois são da sua firma (Wallace Beery em «O Campeão» e Alfred Lunt em «The Guardsman»), que Frances Marion, pelo seu argumento de

«O Campeão» está entre os três candidatos autores, que os seus filmes «Grand Hotel» e «O Campeão» figuram entre os cinco seleccionados para dèles sair o vencedor, e, finalmente, sobrepõe-se a todas as outras casas, ganhando os prêmios de «a melhor interpretação feminina», «a melhor interpretação masculina», «a melhor fita» e «o melhor argumento», por intermédio, respectivamente, de Helen Hayes, Wallace Beery (ex-aequo com Fredric March), «Grand Hotel» e Frances Marion.

Boa recompensa, a-final, para o trabalho da «Metro-Goldwyn-Mayer» em 1932!

(*) Ver n.º 52 do «Cinema», pg. 14.

O que foi a reunião da Academia Americana para eleger os premiados de 1932

A imprensa diária, e, principalmente, as publicações cinematográficas, referiram-se largamente à última reunião da Academia Americana das Artes e Ciências Cinematográficas, que se realizou em Los Angeles em 18 do corrente.

No amplo Fiesta Room do Hotel Ambassador, de Los Angeles, reuniu-se a Academia na sua quasi totalidade. As casacas e *smokings* destacavam-se entre as mais ricas *toilettes* femininas, que emprestavam à reunião uma nota

de colorido e alacridade, mais salientada pela sumptuosa e profusa iluminação do Fiesta Room. Encontravam-se presentes quasi todos os elementos da produção cinematográfica — *executives*, intérpretes, realizadores, fotógrafos, autores, etc., etc., de entre os quais: Charlie Chaplin, Wallace Beery, Walt Disney, Karl Freund, Lee Garmes, Fredric March, Charles MacArthur e esposa (Helen Hayes), Lionel Barrymore, Ben Bard e esposa (Ruth Roland), Jesse L. Lasky, Edmund Lowe e esposa

(Lilian Tashman), Charles Boyer, William Seiter e esposa (Laura La Plante), Alice White, Ernst Vajda, Eric von Stroheim, Samuel Goldwyn, Leatrice Joy, Robert Leonard e esposa (Gertrude Olmsted), Polly Moran, Conrad Nagel, Mae Murray, Fred Niblo e esposa (Enid Bennett), Lupe Velez, Louis B. Mayer, Irving Thalberg e esposa (Norma Shearer), etc., etc., num total de mais de 1.000 pessoas.

O presidente cessante, o produtor M. C. Levee, fez a apresentação do novo presidente da Academia, Conrad Nagel. Uma orquestra especial sob a batuta de Nathaniel Finston, director musical da «Paramount», deliciou os assistentes. Uma das grandes atracções da *soirée* foi a exhibição dum desenho animado colorido, feito especialmente para a cerimónia, por Walt Disney, com o título: «Parada dos Eleitos». Também foi muito agradável ouvir-se, pela «T. S. F.», a voz de Marie Dressler, que de Nova-York saudava a Academia.

Um caso curioso, que interessou vivamente a assistência, foi a contagem dos votos para a melhor interpretação masculina, que deu a Fredric March (pelo seu desempenho em «O Médico e O Monstro») 1 voto mais que a Wallace Beery (pelo seu desempenho em «O Campeão»). Como, porém, uma clausula dos estatutos diz que, quando, em qualquer votação, houver uma diferença que não exceda dois votos entre dois candidatos, ambos ficarão classificados *ex-aequo*, e ambos terão direito a uma estatueta de ouro, Fredric March e Wallace Beery receberam ambos o prémio da melhor interpretação masculina.

As estatuetas foram entregues aos novos vencedores pelos vencedores do ano findo, e, assim, Lionel Barrymore fez a entrega a Fredric March e Wallace Beery, e Norma Shearer, na ausência de Marie Dressler, entregou o prémio a Helen Hayes.

E' interessante notar que, dos vencedores deste ano, dois já foram premiados em anos anteriores: Frank Borzage, que em 1928 ganhou o prémio da melhor realização com «A Hora Suprema», e Frances Marion, que em 1930 ganhou o do melhor argumento, com «O Presidio».

Nova-York, 25 Novembro 1932.

JOÃO PORTUGAL.

Uma casa própria para a organização de «Lasky»

Nos estúdios da «Fox» está procedendo-se à construção dum prédio de dois andares, onde se fixará a organização de Jesse L. Lasky, o ex-vice-presidente da «Paramount» que fechou contrato com a «Fox» para a produção de 8 filmes que serão distribuídos por esta casa.

O referido prédio, que incluirá sala de projecção e sala de montagem, deve estar pronto dentro de dois ou três meses.

A melhor interpretação feminina

HELEN HAYES em «O pecado de Madelon Claudet» («M-G-M»)

A melhor interpretação masculina

FREDRIC MARCH em «O Médico e o Monstro» («Paramount»)

WALLACE BEERY em «O Campeão» («M-G-M»)

A melhor realização

FRANK BORZAGE em «Bad Girl» («Fox»)

A melhor fita

«GRAND HOTEL» («M-G-M»)

O melhor argumento

FRANCES MARION em «O Campeão» («M-G-M»)

O melhor cenário

EDWIN BURKE em «The Bad Girl» («Fox»)

A melhor fotografia

LEE GARMES em «O Expresso de Shanghai» («Paramount»)

A melhor decoração

GORDON WILES em «Transatlantico» («Fox»)

A melhor tomada de sons

FRANKLIN HANSEN («Paramount»)

O melhor aperfeiçoamento técnico

«TECHNICOLOR» pela coloração de desenhos animados

A melhor comédia curta

LAUREL E HARDY em «The Music Box» («Hal Roach»)

A melhor atracção

«WRESTLING SWORDFISH» («Mack Sennett»)

O melhor desenho animado

«FLOWERS AND TREES» («Walt Disney»)

Prémio Extraordinário

WALT DISNEY, pela criação do «Rato Mickey»

«Metro-Goldwyn-Mayer», 4 prémios; «Paramount», 3; «Fox», 3;
«Walt Disney», 2; «Technicolor», 1; «Hal Roach», 1;
«Mack Sennett», 1

Marian e Janet



O autor deste artigo diz que a Marian Nixon, uma primorosa actriz americana, possui imenso talento, juventude, graça. Quem escreve esta legenda viu a linda protagonista de "O meu Camarada" no recente filme "Pasado Mañana", e está absolutamente de acôrdo: graça, juventude, talento, não faltam na encantadora Marian Nixon. Quanto a rivalizar com...

vermos a versão teatral de «A Hora Suprema».

Seguíamos bastante interessados o espectáculo, por haver sido prometido a Marian o papel de «Diana» na versão cinematográfica da obra, se renovasse o seu contrato com a «Fox». Ambos concordávamos que seria uma magnífica oportunidade para ela, e achávamos que poderia perfeitamente interpretá-lo.

Mas, neste momento, o Destino, disfarçado em Estúdios da «Universal», ofereceu a Marian um contrato com o dobro do soldo que auferia na «Fox». Marian optou pela oferta da «Universal».

Após a saída de Marian, a «Fox» encontrou-se em dificuldades para encontrar uma actriz que lhe servisse para interpretar o principal papel feminino no famoso filme «A Hora Suprema». Pediu Marian emprestada à «Universal», mas esta recusou-se a ceder-lha. Marian pensou então na sua amiga, e telefonou-lhe imediatamente, dizendo-lhe que fôsse à «Fox» pedir o papel. Janet assim fez, sendo atendida, e desde aquela data tornou-se famosa, enquanto que a sua amiga continuava interpretando papéis secundários, sem que, excepto numa película com Richard Barthelmess, tivesse ocasião de demonstrar todo o seu talento e de fazer valer a sua beleza.

Janet começou a ser «estrela» desde que interpretou «A Hora Suprema»; Marian era apenas uma actriz mediana. Janet continuou a carreira come-

çada com «O Anjo da Rua», «Aurora», «Ata Sociedade», «O Papá das Pernas Altas», «Deliciosa», etc. Tornou-se uma personagem importante, um verdadeiro achado cinematográfico. E Marian, que podia ter interpretado o papel de «Diana», sentia que perdia terreno rapidamente. Sempre que via probabilidades de conseguir qualquer coisa, logo sobrevinha a deslusão. Recebia um bom soldo, mas faltava-lhe a glória.

E durante estes últimos anos foi um das muitas pequenas actrices por todos esquecidas quando se tratava de distribuir grandes papéis.

A história terminaria por aqui se o Destino não houvesse surgido de novo a transformar segundo o seu capricho a vida das duas amigas. O principal papel feminino em «Depois de Amanhã» foi oferecido a Janet. Mas esta, naquela ocasião, estava encaprichada em não aceitar mais papéis de ingénua, pois queria demonstrar que era uma verdadeira actriz, capaz de viver a vida real, e recusou-se a trabalhar no referido filme. E o que sucedeu? A repetição, mas ao inverso, do que se passara anos antes. Marian aceitou o papel.

Mas o mais interessante é que foi escolhido para director do novo casal, o grande realizador Frank Borzage, que, como se sabe, foi quem fez famoso o célebre «par ideal» em «A Hora Suprema». E também foi Borzage, quem fez sentir aos directores da «Fox» — como se eles fôsem cegos e não pudessem constata-lo sem auxílio — que



... Janet Gaynor, com pretensões de a destronar, isso nunca! Nós não o consentiríamos. Nem a mignonne Janet! Há muitos anos na «Fox», Janet Gaynor, desde a sua interpretação em «A Hora Suprema», não deixou ainda que qualquer actriz lhe roubasse a sua posição de primeira actriz daquela casa de primeira nos corações de todos os cinéfilos americanos — e nos de muitos europeus, com licença da Lilianzinha!...

Após a projecção nos Estados Unidos de «Depois de amanhã» — disse o celebrado escritor e cineasta James M. Fidler — os cinéfilos começaram a falar entre si da nova descoberta cinematográfica, Marian Nixon.

Onde esteve durante tanto tempo escondida Marian Nixon? Por que razão a não descobriam há mais tempo? O que seria que durante tanto tempo a manteve longe do «écran»?

Estas e muitas outras foram as perguntas trocadas entre os que pelo cinema se interessam. E todos foram unânimes em concordar que Marian tem o mesmo encanto de Janet Gaynor e que forma com Charles Farrell um casal encantador.

Há anos, Marian era quasi uma «estrela» e Janet uma «extra». E há anos, também, num assomo de generosidade, Marian fez com que Janet pedisse um papel que lhe havia sido oferecido a ela, mas que não podia aceitar. O papel era o de «Diana» em «A hora suprema».

Que teria sucedido se Marian houvesse aceitado aquele papel? Ter-se-ia elevado aos píncaros da glória como

Janet se elevou, enquanto que esta continuaria como «extra»? Não podemos dizê-lo, e por isso limitar-nos-emos a relatar a história de Marian, Janet e o Destino.

Há cerca de 10 anos, Marian e Janet eram absolutamente desconhecidas. Marian foi para Hollywood com uma companhia de «vaudeville» que fracassou em Los Angeles, pelo que resolveu alistar-se na legião das «extras». Janet também era «extra», e, de quando em vez, bailava nos prólogos teatrais para auxiliar a família.

E assim começaram estas duas jovens, sem mais auxílio do que as suas caras graciosas, o seu atractivo pessoal e as suas ambições.

Mas Marian teve mais sorte do que Janet e obteve um contrato com a «Fox». Janet continuou sendo «extra» durante mais um ano, enquanto que Marian obtinha bons papéis; bons, convém dizer-se, para uma principiante.

Janet, Marian e eu eramos companheiros, e naquele ano reunimo-nos constantemente. Foi quasi ao expirar o contrato de Marian com a «Fox» que fomos juntos ao teatro uma noite para



Mady Christians e Hans Stuewe são os protagonistas de «A Mulher de quem se fala», uma fita que a Companhia Cinematografica de Portugal estreia hoje. Mady Christians, que já não vimos ha muito tempo, tem nesta fita um brilhante desempenho.

Marian possuía o mesmo encanto de Janet.

O resultado foi maravilhoso. Marian demonstrou em «Depois de Amanhã» um talento tão grande como o de Janet em «Deliciosa».

«A verdadeira Marian Nixon chegou finalmente ao «écran», — disse para mim mesmo ao ver a película —, já não pensa só no cheque semanal».

De facto, foi um aumento de soldo que a fez abandonar a «Fox» para filmar pura a «Universal», a-pesar-de lhe haverem prometido aquele famoso papel em «A Hora Suprema».

As duas artistas, tão semelhantes no «écran», são absolutamente diferentes na vida particular.

Durante os dias em que os sonhos de Janet eram ainda nebulosos, Marian não sonhava: fazia planos para o futuro. Janet só pensava no dia em que seria uma grande artista dramática, e Marian só falava nas probabilidades de vir a cobrar um soldo razoável.

Pode ser que desta diferença de temperamentos resultasse o rápido triunfo de Janet, e a cristalização, durante tanto tempo, da deliciosa Marian.

Mas o certo é também que esta última tem hoje uma fortuna considerável e que pôde trabalhar de futuro sem preocupações de dinheiro, para obter a glória que até hoje lhe tem faltado. Não obstante as preocupações monetárias de que durante tanto tempo deu provas, Marian não é avara. Pelo contrário, tem demonstrado em muitos casos grande generosidade. Mas é uma mulher de negócios, qualidade que Janet nunca teve.

Marian foi sempre mais desenvolta do que Janet. Enquanto que a involvidável intérprete de «Diana» se dedica a excursões à praia e se delicia com as comições das montanhas russas, com uma alegria infantil, Marian prefere o teatro e a Ópera.

Janet bate as palmas como uma criança contente ante o programa de um passeio campestre, e Marian diverte-se de preferência nos aristocráticos bailes do Mayfair. Não obstante, Marian também vai à praia, enquanto que Janete nunca se encontra nas reuniões elegantes. Como as conheço muito bem, posso distinguir sem dificuldade as enormes diferenças de temperamento que as separam. Mas ao observador

Pelos nossos Cinemas

OS IRMÃOS CARAMAZOFF (DER MOERDER DIMITRI KARASOFF): — O cineasta russo Fédor Ozep acaba de nos apresentar um trabalho de grandes qualidades filmicas. Inteiramente produzida na Alemanha, esta fita revela, porém, as grandes características das produções russas, das poucas produções russas que tem aparecido entre nós — e só vimos ainda das de mais nomeada. O que me leva a crer que Fédor Ozep é um dos grandes realizadores russos, capaz de enfileirar junto dos animadores de «A Mãe» e de «A Linha Geral». Há mesmo em todo o filme imagens tam belas, de tamanha pureza, tam limpidas no seu aspecto visual, tam significativas na sua elevada concepção, que um qualquer não hesitaria em julgá-las subscritas pelo cérebro prodigioso de Eisenstein e pela objectiva milagrosa de Tissé.

O cenário é o peor do filme. Isto é, o menos belo da película. Arrasta-se bastante na descrição da deformação moral de Dimitri e na demonstração do seu amor por Gruschenka. E esta personagem apresenta-se mal desenhada. Não se compreende bem que a sua leviandade permanente, continua, de mulher viciosa, desapareça súbitamente nos últimos quadros, para se tornar,

casual parecem absolutamente semelhantes.

É provável que Marian tenha mais dinheiro do que Janet, a pesar da sua pouca sorte até agora no cinema. Mas tem experimentado mais contratempos na vida do que Janet. Esta viveu sempre em um mundo de fantasia.

Marian contraiu matrimónio duas vezes. Primeiro com Joe Benjamin, um boxeur, e depois com Eddie Hillman, um multimilionário. Por seu lado, Janet, a- apesar dos muitos rumores que se têm levantado à cerca dos seus vários compromissos, apenas se casou uma vez.

São muito amigas, sempre o foram desde que se conheceram. É verdade que devem uma à outra grande gratidão pelas trocas de papeis que a ambas deram oportunidade de brilhar e de abrir carreira, e é natural que esta circunstância fortifique a sua mútua simpatia. Além disso, talvez porque o Destino as queire juntas, trabalham ambas na mesma Companhia.

Neste momento, porém, separa-as a maior de todas as divergências. Emquanto que Janet recusa papeis, seguindo sempre a sua ideia de se transformar numa grande actriz dramática, Marian, que começa a fazer um nome, contenta-se com ser sumamente meiga e encantadora, que é tudo o que o publico deseja.

JAMES M. FILDER.

intempestivamente, num amor profundo.

Mas isto é o menos numa fita como esta, em que à magnifica interpretação de Fritz Kortner, de Anna Sten e de Fritz Rasp se alia uma cooperação musical de extraordinaria harmonia com a descrição das imagens, que por vezes comenta com deliciosos efeitos, um trabalho fotográfico de inexcédvel beleza, do melhor que tenho visto (e convem não esquecer o nome de F. Behn-Grund, o autor de tam deliciosos quadros, compostos com o maior sentido artistico e poderoso dominio de objectiva), uma montagem de apurada e subtil concepção, e a já elogiada realização, para tornarem «Os Irmãos Karamazoff» um trabalho cinegráfico capaz de satisfazer ao mais exigente dos criticos.

— A generalidade do público é que continua a não ligar importância devida a estas fitas bem feitas, que só por isso deixam, na opinião de alguns, de ser grandes fitas. Mas não percamos as esperanças. Agua mole...

Autores: Leonhard Frank, Fedor Ozep e Victor Trivas, inspirados em motivos de Dostojew-kij. Director de produção: Eugen Tuscherer. Autor musical: Dr. Karol Rathaus. Fotógrafo: F. Behn Grund Director de som: Hans Birkhofer. Decoradores: Heinrich Richter e Victor Trivas. Montagem de: Fédor Ozep e H. von Passavant. Realizador: Fédor Ozep. Intérpretes: Dimitri Karamasoff, Fritz Kortner; Gruschenka, Anna Sten; Katja, Hanna Weag; Smerdjakoff, Fritz Rasp; Iwan Karamasoff, Bernhard Minetti; O velho Karamasoff, Dr. Max Pohl; Fensja, Liese Neumann; O juiz, Fritz Alberti; O polaco, Werner Hollmann.

Produzida em 1931 pela TERRA FILMS. Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltd. Estrada no «São João» em 5 Dezembro 1932.

OS SEIS MISTERIOSOS (THE SECRET SIX): — George Hill é o que se pode chamar «um realizador de pulso». O seu trabalho na versão original de «O Presídio — que dizem superior ao das versões francesa e espanhola que vimos daquela fita — a sua recente produção «Titans do Ceu» e, agora, «Os Seis Misteriosos», mostram que George Hill é um director que sabe dominar as sensações fortes, levando-as ao *écran* com uma fidelidade tal que nada lhe faz perder da sua potência, quer sejam sofridas individualmente, quer o sejam colectivamente.

Em «Os Seis Misteriosos» George Hill deve ter reproduzido com toda a verdade certos permenores da vida intima dos *gangsters* americanos. Sente-se essa verdade em todos os quadros da fita. A sequência da perseguição em automóvel, das duas quadrilhas rivais, é prodigiosa de realidade. Interessa-nos primeiro, logo nos seduz e esmagamos. E a narrativa da vida daquela gente fóra do alcance da lei — até um dia — que faz contrabando, que enriquece, que assassina, que elege as autoridades e que

se escapa das prisões, está feita com grande movimentação cinemática, desenvolve-se diante da atenção fixa do espectador, interessando pela acção forte das imagens.

Há quem diga que tal entrecho não é grandemente moralisador. Estou de acôrdo. Que há tiros e assassinatos de mais. Não o creio. Há a reprodução de factos autênticos, que a justiça tem de eliminar. Mais tiros e assassinatos havia em «Quatro de Infantaria» e «A Oeste, Nada de Novo». E os criminosos de «Os Seis Misteriosos» não deixam de sofrer, alfim, o castigo que merecem. Ao passo que os responsáveis dos crimes que aqueles dois filmes reproduzem, dos assassinatos da guerra, não sofreram ainda a punição devida. Que a gente o saiba, pelo menos!...

Wallace Beery conquistou já, decisiva e definitivamente, todo o público. É já um cartaz. O cinema silencioso impu-



sera-o já como actor de grande valia, em qualquer género, desde o mais anti-pático *heavy* ao apreciável cómico, de parilha com Raymond Hatton. Agora o fonocinema completou-o. Ao dinamismo da sua máscara, juntou-lhe uma inexcédvel precisão de gestos, com que a colaboração da voz mais se harmonisa. Dá prazer vêr assim um tal actor. A gente já sabe que tem grandes qualidades um filme interpretado por Wallace Beery. E fico esperando «O Campeão».

Lewis Stone segue-se a Wallace Beery na importância do desempenho. É, também, um actor já consagrado. Cada um dos seus papeis é um trabalho que merece elogio. Jean Harlow aparece para dar a nota amorosa, mas não tem muito que fazer. Vê-se com agrado a sua encantadora figura. Clark Gable tem um papel secundário, que desempenha com acerto, caminho aberto à posição elevada que pouco depois conseguiu, de um dos primeiros galãs americanos.

«Os Seis Misteriosos» não é uma obra-prima de cinematografia. Mas é uma fita que interessa. É, depois, é a primeira fita a valer, sobre a vida dos *gangsters*.

Autor: Frances Marion. Cenarista: A mesma. Fotógrafo: Harold Wenstrom. Realizador: George Hill. Intérpretes: *Scorpio*, Wallace Beery; *Newton*, Lewis Stone; *Anne*, Jean Harlow; *Carl*, Clark Gable; *Hank*, John Mack Brown; *Peaches*, Marjorie Rambeau; *Mizoski*, Paul Hurst; *Johnny Franks*, Ralph Bellamy; *Colimo*, John Miljan.

Produzida em 1931 pela METRO-GOLDWYN-MAYER. Programa Metro-Goldwyn-Mayer Films, Ltda. Estreada no «Trindade» em 6 Dezembro 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

CASAMENTO DE AMOR: — É uma dessas operetas europeias, que há muito suplantaram as americanas nas preferências do público de aquém Atlântico. Cantada e dançada, entremeadada de episódios cómicos, constitui um espectáculo leve e agradável, que não cansa e dispõe bem. No argumento — um verdadeiro argumento de opereta — não falta o clássico príncipe rebelde ao casamento, que começa por se resignar a êle e acaba por se apaixonar pela noiva.

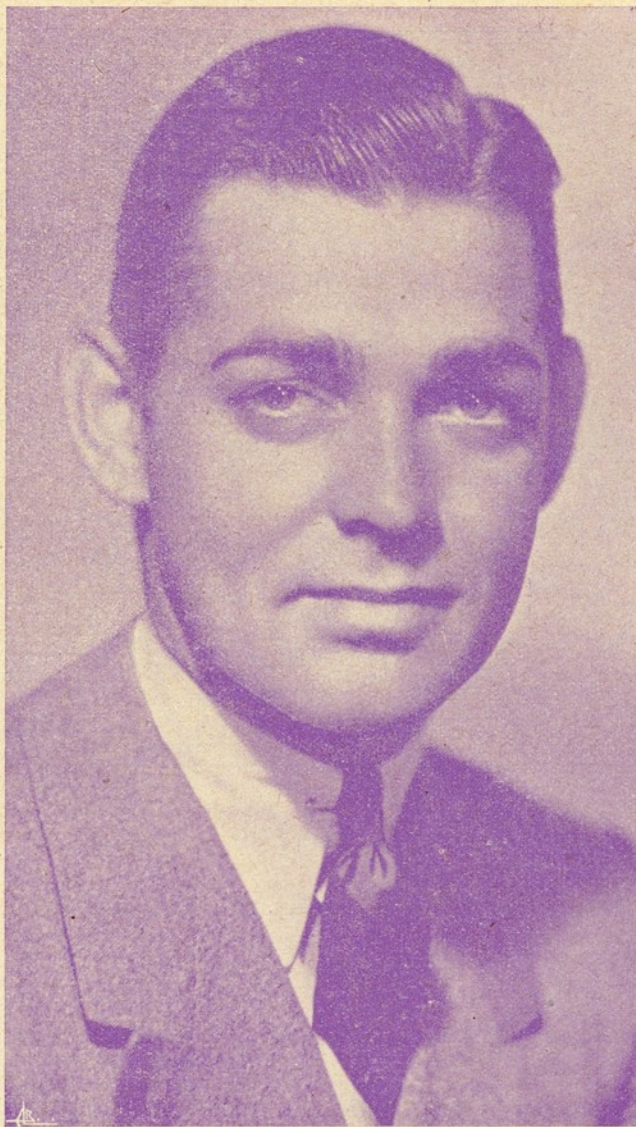
A acção está bem conduzida e o filme cenarizado com a magnificência que o assunto requiere, mas a fotografia é que nem sempre é suficientemente clara e nitida. A interpretação, em que vemos George Alexander e Lien Berliner, correcta. Falada em alemão.

M A R I A I L D A

ANNY NA ESCOLA: — Uma fita como as últimas que tem sido exibidas de Anny Ondra. Poderia, até, dizer desta película o mesmo que já se disse de «Anny no Circo», se substituíssemos as referências a Lucien Baroux por



outras a Karl Lamac, que tem um papel cómico de grande relevo. A propósito, devo esclarecer que não é a primeira vez, como se disse nos anúncios, que Karl Lamac, o ex-marido



Clark Gable já conquistou as simpatias do nosso publico. As suas interpretações em "Titans do Ceu", "Uma Alma Livre" e "Os Seis Misteriosos" já foram suficientes para demonstrar as suas qualidades artisticas. Mas em "Fascinação", é que Clark Gable se impõe como actor consagrado, num papel de primeiro galã, de grande responsabilidade, ao lado da bellissima Joan Crawford.

de Anny Ondra aparece no cinema. Já há anos, num filme silencioso exibido no «Olimpia», vimos Lamac ao lado de Anny Ondra.

«Anny na Escola» é uma fita engraçada, onde Anny põe à prova, mais uma vez, os seus recursos de actriz cómica, ajudada por um argumento disparatado — e não se pode levar a sério o argumento dum filme deste género.

Oskar Marion, que é um apreciável galã do cinema alemão, toma parte, num papel secundário.

Programa Companhia Cinematográfica de Portugal. Estreada no «Rivoli» em 10 Dezembro 1932.

A M A D E U C A R V A L H O

No próximo dia 29 do corrente será inaugurado o novo cinema «Roxy», da Rádio City, N. Y, dirigido por S. L. Rothafel (Roxy), que foi o fundador do cinema do mesmo titulo, o maior do mundo, situado no coração de Nova-York.



O que eu penso sobre o casamento entre artistas

por Greta Garbo

Por que razão há tanta gente que se interessa pela forma de ver das artistas do cinema quanto ao casamento? No final de contas há apenas duas pessoas a quem o casamento interessa: aquelas que devem contrai-lo. E só a elas interessa porque só a elas diz respeito.

É absolutamente prejudicial para uma «estrela» comentar os detalhes íntimos da sua vida e divulgá-los a torto e a direito. É absolutamente desagradável — para não dizer falto de tática — no caso de o actor desempenhar papeis de amante romântico, insistir sobre o facto de ter mulher e filhos, por muito bom que seja na sua vida privada.

Suponho ser por esta razão que Hollywood não admite hoje os casamentos cheios de formalidades, com grandes banquetes e alegres bailes, que se divulgam pelos quatro ventos, como os que se fizeram há anos entre Vilma Banky e Rod la Rocque, e entre Bébé Daniels com Ben Lyon.

Foi então, também, que se realizaram os espectaculares matrimónios de Glória Swanson com o seu marquês, e o de Pola Negri com o príncipe Mdivani.

A despeito da chama de triunfo com que Glória Swanson apareceu em Hollywood com o marquês, em 1925, e do acôrdo entre a colónia cinematográfica para lhes render homenagens, o idílio estiolou-se rapidamente. Não tam de-pressa, porém, como o de Pola Negri, pois esta, embora sendo a última a casar-se, foi a que primeiro se separou do esposo, derrotando Glória por seis dias de diferença.

Por sorte, ambos os maridos encontraram quem os consolasse. O príncipe Sérgio Mdivani achou guardida entre os braços de Mary Mc.Cormick, «estrela» da Ópera de Chicago, e o marquês de la Falaise de la Condiaye, aliás «Henriquinho», é hoje o «senhor Constance Bennett».

Pelo que me diz respeito, ser-me-ia odioso ver meu marido perder a sua personalidade até este ponto. Preferiria antes retirar-me do cinema, esquecer que tinha sido Greta Garbo.

Com tantos idílios truncados (nascidos nos estúdios) Hollywood já se não mostra tam interessado como dantes em ocupar-se dos assuntos de amor dos seus artistas.

Os casamentos discretos estão em

uso. A moda é sair da cidade em aeroplano, casar longe, no Mexico, e, algumas vezes, não sempre, dar a notícia ao regressar.

Ina Claire, beleza reinante do cinema em New York, e John Gilbert, então o príncipe dos românticos do «écran», voaram para Las Vegas e casaram em segredo. A-pesar disso, duas horas depois do casamento, já se trocavam apostas sobre a provável duração do mesmo: que não chegaria ao ano; que duraria 6, 8 ou talvez 10 meses.

Que probabilidades de êxito têm os casamentos em tais circunstâncias? Estranhais porventura que as «estrelas» vacilem em trocar a calma da vida livre pelas prováveis felicidades do casamento?

Os problemas particulares que se apresentam a artista são os seguintes:

Terei a espécie de génio e de temperamento que converte o casamento num laço santo e duradouro?

Estarei apta a «ser a esposa ante a lei» de qualquer homem?

Posso ser feliz na vida conjugal?

No caso dos homens, já é diferente. Quando se casam, todos esperam que sua mulher se subordine aos seus interesses, como sucedeu recentemente com Maurice Chevalier e Iyonne Valée.

Em compensação, a situação de um marido que não é actor, ligado a uma «estrela» reputada, é extremamente embaraçosa. Acha-se condenado a perder a sua própria personalidade. Imagina um marido a quem chamassem «o senhor Garbo» e teréis feito uma idéa!

Só um louco ou um herói pôde suportar uma situação tam anormal.

A razão que leva duas pessoas a casarem-se é o desejo de estarem juntas a maior parte do tempo. Ora, a realização deste desejo é impossível para mim, enquanto permanecer no cinema. O contrato matrimonial, que é importantíssimo, fica lançado para um canto quando se firma um contrato para trabalhar nos filmes. Um marido necessita tanto dos conselhos de sua mulher e do seu apoio moral como da sua presença física. Mesmo que a gente não se case com um actor, é raro obter-se esta união ideal do espirito e dos interesses. Creio não estar em erro quando afirmo que a carreira de artista cinematográfica impoita um trabalho de natureza continua.

Quando cheguei a Hollywood, amparada pelo grande Maurice Stiller, costumava assistir às reuniões e às grandes estreias. Mas logo notei que, devido a isto, o meu trabalho começava a decair. As apresentações pessoais destroem a ilusão que rodeia as sombras do «écran». O artista criador deve ser um espirito invulgar e solitário.

A morte de Stiller foi um golpe profundo para mim: ¡Havia sido satellite dèle durante tanto tempo!... Toda a Europa considerava Stiller, nesse tempo, como a mais destacada figura do mundo cinematográfico.

Os directores nunca deixavam de assistir à projecção dos seus filmes.



MRS. DOUGLAS FAIRBANKS JR., de BEVERLY HILLS, Cal. aliás Joan Crawford, a nossa conhecida "Venus de Hollywood". Em "Fascinação", um filme do "Ano Metro" que veremos dentro de poucos dias, Joan Crawford tem um trabalho complexo, que interpreta como actriz das melhores. "Fascinação" é o primeiro grande filme do novo par Joan Crawford-Clark Gable.



Confirmando o sucesso obtido no estrangeiro, "Mata-Hari" tem alcançado nos cinemas "Odeon" e "Palácio", de Lisboa, o maior êxito desta temporada. O público lisboeta não se tem cansado de apreciar êste excelente fonofilme da "M-G-M", que tem como principais interpretes Greta Garbo, Ramon Novarro, Lionel Barrymore e Lewis Stone.

Levavam com êles as suas secretárias, e, na escuridão e no silêncio, ditavam, num murmúrio, comentários sobre o vasto movimento da sua técnica maravilhosa.

Stiller encontrou-me na Suecia, quando eu era uma artista desconhecida, e trouxe-me para a América. Eu venerava-o. Houve, como sempre succede em casos idênticos, quem dissesse que entre mim e êle se desenrolou uma história de amor. Engano! Os sentimentos que me ligavam a Stiller eram de natureza diferente, de uma espécie que só as pessoas muito jovens podem compreender. Eu tinha por êle uma absoluta devoção, o entusiasmo de uma aluna pelo seu mestre, de uma rapariga tímida por uma mentalidade poderosa.

No seu estúdio, Stiller ensinou-me tudo o que eu necessitava de saber para seguir a carreira cinematográfica: como devia comer; como voltar a cabeça; como exprimir o amor ou o ódio.

Fôra do trabalho, eu estudava cada um dos seus desejos, caprichos ou aspirações. Vivía a minha vida seguindo os planos que êle me traçava. Era êle quem me dizia o que eu devia dizer e o que devia fazer.

Quando Stiller morreu, fiquei como um barco sem leme. Desesperada, per-

dida e, sobretudo, só. Neguei-me a falar aos jornalistas, porque não sabia que dizer-lhes.

Lentamente, fui-me arredando do torbilhão social de Hollywood. Encerrei-me na minha concha. Construí um muro em torno de mim e vivi — e continuo a viver — detrás dele.

Na mais alegre, na mais louca colônia do mundo, converti-me em eremita.

Não assisti a mais reuniões. Sentia-me excessivamente cansada e, logo que terminava o trabalho, ia-me deitar.

Se tinha necessidade de me distrair, ia para o campo, vagabundeava com traço e sapatos de rapaz, montava a cavalo ou arremessava pedras como os cow-boys, ou contemplava um pôr do sol sobre o Pacífico. Como vêem, conservo sempre alguma coisa da rapariga livre.

Muitas mulheres desaprovam esta atitude masculina que tomo na vida; não obstante, eu não as obrigo a imitar-me. Por outro lado, sinto-me sempre nervosa, embaraçada com o meu fraco inglês. Não posso exprimir-me bem nas reuniões. Falo com indecisão.

Sinto-me ridícula, tímida, envergonhada.

Em Hollywood, onde cada mesa de chá se encontra rodeada de escritores faladores, o que digo poderia ser mal interpretado. Por isso calo-me como

DENTRO E FORA DOS ESTUDIOS

O novo cinema tem 3.900 lugares e inaugurará com a fita «The Animal Kingdom», da «RKO». Está casa, interessada directamente na Rádio City, será a principal fornecedora de filmes do novo «Roxy».

Segundo um jornal de Moscú, há actualmente na Rússia 30.000 cinemas, 60 % dos quais situados nas aldeias. Além daqueles, há 11.000 cinemas ambulantes e 6.000 nos clubes dos operários.

Novas fitas de Mary Pickford

Mary Pickford já começou interpretando «Secrets», sob a direcção de Frank Borzage. Está sendo preparada a segunda, cujo titulo ainda se ignora. Apenas se sabe que Mary Pickford contratou para ambas, como primeiro actor, o galá inglês Leslie Howard, que ainda há pouco vimos em «Uma Alma Livre», ao lado de Norma Shearer.

Mary Pickford está activando a filmagem de «Secrets», pois deseja encontrar-se com seu marido Douglas Fairbanks em Paris, onde passarão o Natal.

Grande êxito de «Call Her Savage»

A nova fita de Clara Bow, «Call Her Savage», que certamente será exibida em Portugal com o titulo «Sangue Vermelho», obteve de todos os criticos de Hollywood os maiores elogios. Todos são unânimes em exaltar, não só o valor geral do filme, que consideram uma verdadeira super-produção da «Fox», como especialmente o trabalho de Clara Bow, que classificam a melhor interpretação da sua longa carreira.

«Call Her Savage» é apresentada em Londres, no Cambridge Theatre, na próxima segunda-feira, 12, tendo-se estreado no «Roxy», de Nova-York, no dia 24 de Novembro findo.

A «Paramount» subdivide-se

De harmonia com a sua nova politica de descentralização, a «Paramount» acaba de se subdividir em quatro novas companhias, cada uma delas chefiada por vice-presidentes. George J. Schaefer fica vice-presidente encarregado das operações da «Paramount Distributing Corporation». Emil E. Shauer e J. H. Seideman ficam vice-presidentes da «Paramount International Corp.», que toma conta dos negócios da distribuição estrangeira. Emanuel Cohen é vice-presidente da «Paramount Pictures Corp.» e da «Paramount Productions, Inc.».

uma tumba, ocultando a minha vida privada.

Esvoaçam rumores em redor de mim. Mas eu continuo calada. Os meus assuntos particulares são absolutamente reservados.

Na capa:—Brigitte Helm, principal protagonista do filme «Mandrágora».

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.º
PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00. Sem.
24\$00. Ano, 4 \$ 10 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50. Sem. 29\$00.
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

“Avenida-Teatro” de Vizeu

A Ex.^{ma} Empresa desta importante casa de espectáculos, acaba de conceder aos leitores de «Cinema» o bonus de 20 % nas «matinéas» dos domingos e «soirées» das quintas.

O «Avenida Teatro» tem marcados para a corrente temporada os ultimos e maiores sucessos da cinematografia sonora, demonstrando assim que os seus programas são escolhidos com proficiencia e meticulosidade.

A' Ex.^{ma} Empresa do “Avenida Teatro” apresentamos os mais sinceros agradecimentos pela sua gentileza.

Nesta semana fazem anos:

10 de Novembro a 16 de Dezembro

- Dezemb. 10 — Una Merkel (25).
11 — Gilbert Roland (27).
11 — Sally Eilers (24).
11 — Victor MacLaglen.
12 — Owen Moore.
13 — Lilian Roth (21).
13 — Norman Forster (29).
13 — George Owey.
16 — Clyde Cook.
16 — Barbara Kent (23).

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

Terça-feira, 13 de Dezembro PROGRAMA SENSACIONAL

O AZ DO VOLANTE

Primoroso filme de aventuras, com o popular actor HOOT GIBSON

O PRINCIPE CIGANO (a pedido)

Criação do grande actor JOHN BARRYMORE

Sexta-feira, 16

Reexibição do extraordinário super-filme

A PATRULHA DA ALVORADA

PREÇOS POPULARES

Matinéas às Quintas, Sabados e Domingos

Incontestavelmente o melhor receptor é o

MENDE

Sonora—Radio

Rua 31 de Janeiro, 190—PORTO

N.º 38

As senhas de cada número são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é valida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do “CINEMA,”

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sabado, 15 e 17 de Dezemb.

OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sabado, 15 e 17 de Dezemb.

BATALHA — Matinéas de Quinta, Sabado e Domingo (1.ª), 15, 17 e 18.

CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 10 de Dzeembro.

AVENIDA-TEATRO, de Vizeu — Soirée de Quinta-feira, 15, e Matinéa de Dom., 18 de Dez. — 20% de desc. em todos os lugares, excepto geral.

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguintes limites: Plateia, 250; 2.º Balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

Castelo Lopes, L.^{da}

*a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,*

apresenta na próxima terça-feira, 13, no

Cinema "BATALHA"

o sensacional filme de aventuras

O AZ DO VOLANTE

o primeiro filme falado do popular actor

HOOT GIBSON

◆

Brevemente, estreia no Porto, dos excelentes filmes

O Rei do Beijo

com **GEORGES MILTON (Bouboule)**

◆

UM VALENTE

com **PHILLIPS HOLMES e HELEN TWELWETREES**